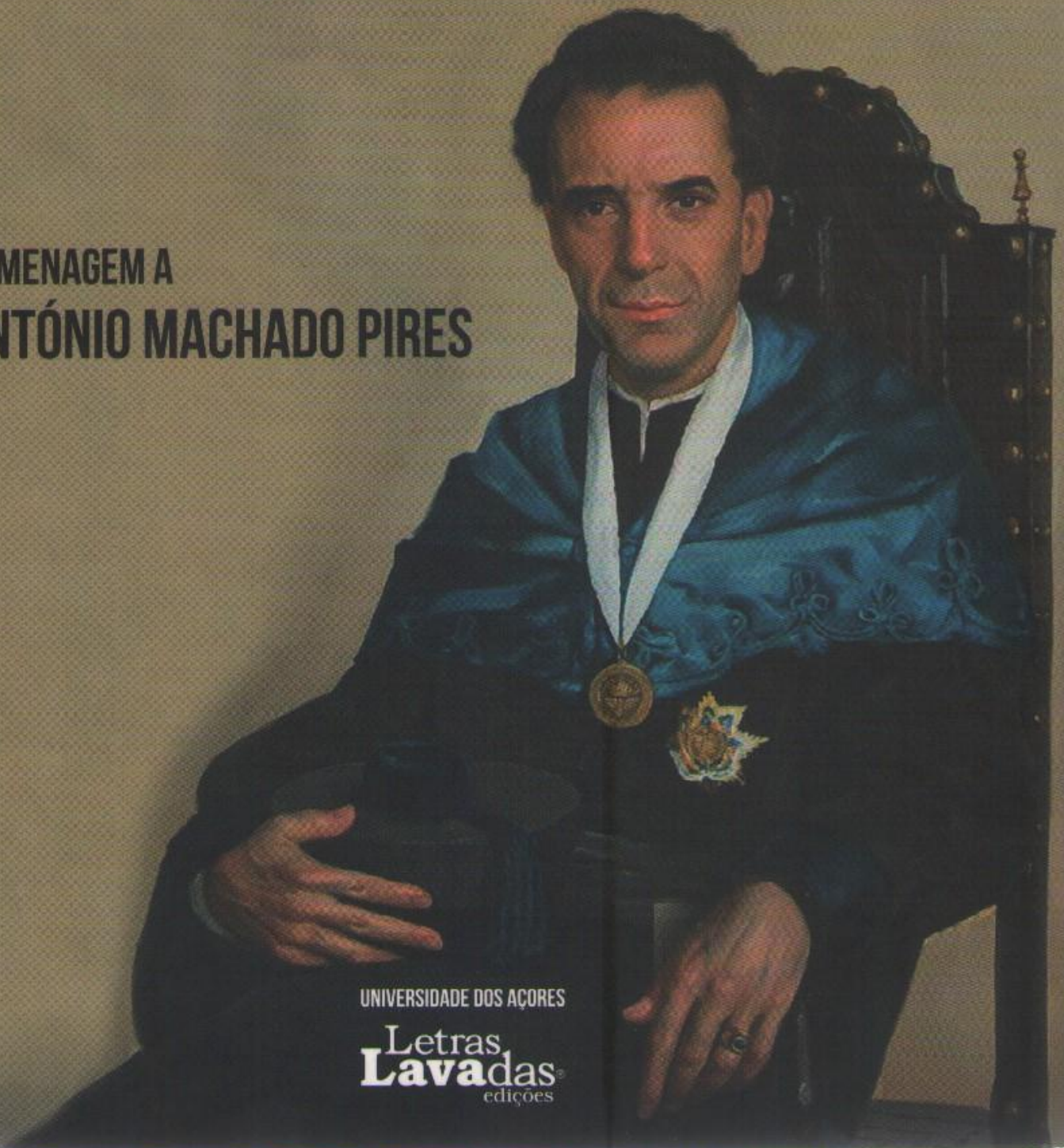


MARIA DO CÉU FRAGA  
MARIA MADALENA M. C. TEIXEIRA DA SILVA  
GABRIELA FUNK  
(COORDENAÇÃO)

# DA LITERATURA E DA CULTURA

HOMENAGEM A  
ANTÓNIO MACHADO PIRES



UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Letras  
**Lavadas**  
edições

## FICHA TÉCNICA

- Título** **DA LITERATURA E DA CULTURA**  
**Homenagem a António Machado Pires**
- Coordenação** Maria do Céu Fraga  
Maria Madalena M. C. Teixeira da Silva  
Gabriela Funk
- Capa** Pedro Melo / Nova Gráfica, Lda.
- Edição** Universidade dos Açores / Letras Lavadas
- Depósito Legal** 410556/16
- ISBN** 978-989-735-099-3
- Data de Saída** 1ª edição, Maio de 2016
- Tiragem** 500 exemplares
- Execução Gráfica** Nova Gráfica, Lda.  
Rua da Encarnação, 21 – Pastinhos, Fajã de Baixo  
9500-513 Ponta Delgada  
S. Miguel – Açores

Apoios



**Governo dos Açores**  
Presidência do Governo Regional dos Açores

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos seus autores.  
É proibida a reprodução, total ou parcial, do conteúdo sem prévia autorização do editor.

## Índice

|                  |    |
|------------------|----|
| Introdução ..... | 11 |
|------------------|----|

### Apresentação

|  |    |
|--|----|
| O Prof. Doutor Machado Pires em discurso directo ..... | 15 |
| <i>Maria Vitalina Leal de Matos</i>                    |    |

|   |    |
|---|----|
| Bibliografia do Prof. Doutor Machado Pires..... | 25 |
| <i>Maria Margarida Maia Gouveia</i>             |    |

### Textos

|   |    |
|---|----|
| Identidade e Providencialismo em <i>Mensagem</i> , de Fernando Pessoa ..... | 49 |
| <i>Ana Cristina Correia Gil</i>   |    |

|  |    |
|--|----|
| Alexandre Herculano e Antero de Quental. Os dois homens mais representativos das duas gerações polares do século XIX português ..... | 61 |
| <i>Ana Maria Almeida Martins</i>   |    |

|  |    |
|--|----|
| Uma carta inédita de Graciliano Ramos..... | 81 |
| <i>Arnaldo Saraiva</i>                     |    |

|   |    |
|---|----|
| A História: um lugar de muitos lugares..... | 89 |
| <i>Avelino de Freitas de Meneses</i>        |    |

|  |    |
|--|----|
| “A cantiga é uma arma”? A canção americana na segunda metade do século XX e a intervenção cívica ..... | 99 |
| <i>Carlos Manuel Cravo Ventura</i>   |    |

|  |     |
|--|-----|
| Para a edição crítica d’ <i>A Correspondência de Fradique Mendes</i> ..... | 115 |
| <i>Carlos Reis</i>   |     |

|  |     |
|--|-----|
| Retrato de Margarida enquanto lê ..... | 125 |
| <i>Catia Benedetti</i>                 |     |

|   |     |
|---|-----|
| A actualidade de Brandão e Nemésio para o entendimento da<br>espacialidade insular .....            | 140 |
| <i>Celina Vale</i>  |     |
| <i>De Mau Tempo no Canal a Stormy Isles: a açorianidade em tradução</i> .....                       | 169 |
| <i>Dominique Faria</i>  |     |
| O Reitor .....  | 183 |
| <i>E. J. Moreira da Silva</i>   |     |
| Universidade, Singularidade e Ensino: dinâmicas para a educação e<br>criatividade da linguagem..... | 189 |
| <i>Emanuel Oliveira Medeiros</i>  |     |
| Aeridade e Açorianidade .....   | 211 |
| <i>Ermelindo Peixoto</i>  |     |
| O outro Nemésio, o da “Terceira Cultura” .....  | 227 |
| <i>Fernando Cristóvão</i>   |     |
| José Gomes Ferreira e António Pedro, colaboradores da <i>Presença</i> .....                         | 239 |
| <i>Fernando Vieira-Pimentel</i>   |     |
| Cultura e língua como ponto de encontro .....   | 245 |
| <i>Guilherme d’Oliveira Martins</i>   |     |
| O conhecimento científico e as tensões da diferença.....  | 259 |
| <i>José Luís Brandão da Luz</i>   |     |
| A revolução impossível: em torno da ideia de Utopia .....   | 285 |
| <i>Leonor Sampaio da Silva</i>  |     |
| Uma lição de vida .....   | 305 |
| <i>Maria das Graças Moreira de Sá</i>   |     |
| A <i>Elegiada</i> de Luís Pereira Brandão: a história, a literatura e a vida .....                  | 307 |
| <i>Maria do Céu Fraga</i>   |     |

|   |     |
|---|-----|
| Eça de Queirós: o heroísmo em tempo de melancolia .....   | 325 |
| <i>Maria Helena Santana</i>   |     |
| Nemésio lembra-se de Gil Vicente.....   | 339 |
| <i>Maria Idalina Resina Rodrigues</i>   |     |
| Uma obra esquecida: Jacinto do Prado Coelho e <i>A Originalidade da Literatura Portuguesa</i> (1977).....                     | 355 |
| <i>Maria João Reynaud</i>   |     |
| O meu testemunho .....  | 365 |
| <i>Maria Leonor Pavão</i>   |     |
| Armando Côrtes-Rodrigues: orfismo, franciscanismo e insularidade. Uma poética plural.....                                     | 369 |
| <i>Maria Madalena M. C. Teixeira da Silva</i>   |     |
| A proposta “humanista” de Jules Verne (em torno de <i>Paris au XX<sup>e</sup> siècle</i> ).....                               | 383 |
| <i>Ofélia Paiva Monteiro</i>  |     |
| Compor para o ouvido (Incidências formais de uma estética da audição) .....   | 417 |
| <i>Paulo Meneses</i>  |     |
| João Camilo: “histórias” de lugar nenhum.....   | 429 |
| <i>Rosa Maria Goulart</i>   |     |
| A açorianidade e a obra de Domingos Rebêlo .....  | 437 |
| <i>Rosa Simas, Jorge Rebêlo e Suzana Caldeira</i>   |     |
| O património cultural na “açorianidade política” de Luís da Silva Ribeiro (ou Encontro imaginário de cinco terceirenses)..... | 461 |
| <i>Susana Goulart Costa</i>   |     |
| O exercício crítico de José Martins Garcia: <i>Linguagem e Criação</i> .....  | 471 |
| <i>Urbano Bettencourt</i>   |     |

### ***Tabula Gratulatoria***

## **Açorianidade e a Obra de Domingos Rebêlo**

**Rosa Simas** – Universidade dos Açores

CICS.UAC / CICS.NOVA.UAC

**Jorge Rebêlo**

**Suzana Caldeira** – Universidade dos Açores

CICS.UAC / CICS.NOVA.UAC

### **RESUMO**

No ano em que Vitorino Nemésio criou o termo açorianidade (1932), o pintor Domingos Rebêlo, com 20 anos de atividade e regressado dos seus estudos em Paris, prosseguia com a sua intensa obra, traduzindo a mundividência açoriana através da tela. Inicialmente uma referência pessoal nemesiana, o termo açorianidade, no trabalho de estudiosos como António Machado Pires, veio a assumir um significado mais amplo, correspondendo hoje a uma noção de identidade coletiva. No presente trabalho interpreta-se a obra de Domingos Rebêlo à luz desse conceito característico da cultura açoriana, conjugando as noções de identidade provindas da análise discursiva, dos estudos culturais, e da escrita de Machado Pires sobre a açorianidade.

### **CARTA DE VITORINO NEMÉSIO A DOMINGOS REBÊLO**

Em 1924, oito anos antes de dar vida ao termo açorianidade, o emblemático escritor dos Açores, Vitorino Nemésio, escreve uma carta aberta, publicada no jornal *Correio dos Açores*, que dirigiu ao não menos emblemático pintor dos Açores, Domingos Rebêlo. Reagindo a uma exposição do artista, na sua ilha natal da Terceira, o autor dirige palavras de apreço, que são simultaneamente sentidas e sensatas, a Rebêlo, a quem saúda como “Meu caro pintor”. De seguida, Nemésio faz uma breve análise do trabalho apresentado e do próprio Rebêlo, a

quem chama “um artista deveras” que “fez com tudo isto um acto encantador, dos que, pelo inesperado, nos surpreendem e inclinam a bem amar e crer.” Nessa missiva espontânea, mas também refletida, Nemésio delinea os aspetos que levam à originalidade de Rebêlo, notando que “O seu temperamento de pintor é forte e contrastado” e “os seus processos não pedem nada emprestado às belas-artes alheias”. Ao reforçar a singularidade da obra de Domingos Rebêlo, Vitorino Nemésio assinala a ligação basilar do pintor às ilhas dos Açores, dizendo: “V. teve artes de sair do Louvre com sua visão intacta, e só assim nos pôde dar agora os quadros tão ilhéus. Foi por isso excelente a sua exposição”.

Destacando o significado do que chama “esta sua exposição bem fazeja, tão oportuna para esta ilha onde faltam lições de boa arte”, Nemésio explica: “Penso agora em como é notável, e digna de alta estima, esta qualidade sua, tão desejável e urgente, de nos pintar sômente á nossa moda”. Na análise que o escritor açoriano faz da forma de pintar à “nossa moda”, sobressai a descrição da maneira como a perícia do pincel de Rebêlo recria os jogos de cores e de luz que caracterizam as ilhas. Nas obras, por exemplo, Nemésio faz questão de notar, “o fundo esplêndido de casas com suas janelas pequenas, rigorosamente nossas, em que a tinta é um pequeno poema de entardecer ilhéu... Tem o sabor cinzento do mormaço, o tom das casas simples”, cores e aspetos evidentes na Figura 1, a que Nemésio se refere, na Figura 2, e na 3, onde as filas de casas brancas acompanham a paisagem de mormaço.



**Figura 1: Domingos Rebêlo, *Os velhos da Ribeirinha***

**Óleo sobre tela, 95 x 131cm, 1924. Secretaria Regional de Cultura, Arquivo Jorge Rebêlo**



**Figura 2: Domingos Rebêlo, *Maria Josefina Rebêlo no Balcão***  
Óleo sobre tela, 94 x 114cm, 1926. Coleção particular, Arquivo Jorge Rebêlo

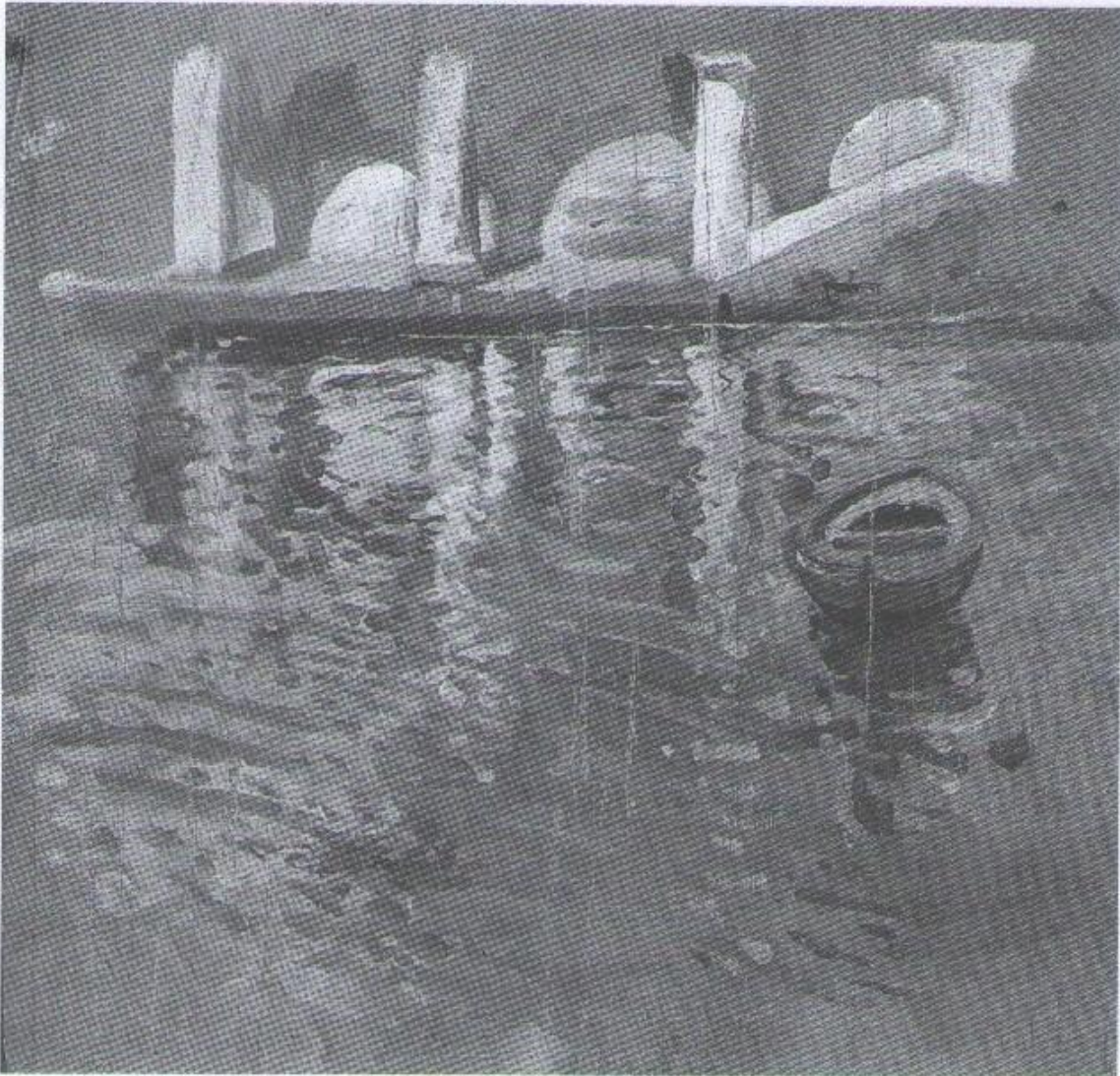


**Figura 3: Domingos Rebêlo, *Paisagem de São Miguel***  
Óleo sobre madeira, 62 x 78cm, 1932. Coleção particular, Arquivo Jorge Rebêlo

Ao desenvolver o seu raciocínio, Nemésio afirma: “Mas o que V. teria de explicar, se a não soubéssemos obra de talento, era a conservação do perfeito sentido dos nossos valores cromáticos, esse especie de fidelidade conjugal á côr açoriana. Casou V. com ela, e não a traiu”. Nesta feliz conjugação, segundo Nemésio, “Aparece em V. um organismo feito para a côr destas ilhas; e, já que um inglês chamou ‘azorean torpor’ (sic) ao ar que nos esmalma, eu chamarei côr das ilhas áquela que o Domingos transverte nos seus quadros. Decerto, para que V. desvendasse o bem fechado segredo da nossa côr privativa, em que domina o pardo e o tom de malva, foi preciso que uma celeste madrinha lhe bafejasse o berço”. Como exemplos, os quadros reproduzidos nas Figuras 4 e 5 parecem exalar “a cor das ilhas” de que fala Nemésio.



**Figura 4: Domingos Rebêlo, *Seleção de uva na Quinta de São Gonçalo*  
Óleo sobre tela, 126 x 137cm, 1923. Coleção particular, Arquivo Jorge Rebêlo**



**Figura 5: Domingos Rebêlo, *Cais de Ponta Delgada***

Óleo sobre tela (detalhe), 28 x 36cm, 1926. Coleção particular, Arquivo Jorge Rebêlo

Tal é a admiração de Nemésio pela autenticidade que vislumbra na obra de Domingos Rebêlo, que toda a sua carta transmite a profunda sensibilidade à realidade açoriana que iria pautar a sua própria obra, tal como a de Rebêlo, e que iria levar Vitorino Nemésio a criar o conceito de açorianidade. Imbuído pelo brio do sentir ilhéu, o escritor dos Açores acaba por afirmar que Domingos Rebêlo é “o pintor completo dos Açores”, quando escreve: “Mas a exactidão com que enquadra, a fidelidade com que transmite a côr do meio em que trabalha, essa merece-me uma referência pausada, onde vai sem encomenda ou lisonja, a admiração melhor que tenho por V., Domingos Rebêlo – e digo isto como de terceira pessoa – é o pintor completo dos Açores” (1924).

## AÇORIANIDADE E IDENTIDADE COLETIVA

Correspondendo hoje a uma noção de identidade coletiva, como resultado do trabalho de estudiosos como António Machado Pires, o termo açorianidade nasceu como uma referência pessoal nemesiana, chegando o seu autor a observar, segundo cita Machado Pires, que “Um dia, se me puder fechar nas minhas quatro paredes da Terceira, sem obrigações para com o mundo e com a vida civil já cumprida, tentarei um ensaio sobre a minha açorianidade subjacente que o desterro afina e exacerba” (p. 22).

Esse dia não iria chegar, mas investigadores como Machado Pires têm dado continuidade ao conceito, hoje fulcral no estudo da cultura açoriana, tanto no arquipélago como além-fronteiras. No livro *Páginas sobre Açorianidade* (2013), este estudioso nota que Vitorino Nemésio fora inspirado pelo conceito de *hispanidade* do grande Unamuno para criar o de *açorianidade* em 1932 (p. 46) e que, para o escritor dos Açores, “A ilha acabou por ser, afinal, arquétipo e sonho, idade de ouro e mito insular, vontade de regresso e vontade de partir, *alma* que se carrega toda a vida, à qual chamou ‘açorianidade’” (p. 19). Tendo feito esta breve síntese, Machado Pires cita a conhecida observação de Nemésio que conjuga geografia e história: “Como homens estamos soldados historicamente ao povo de onde viemos e enraizados pelo *habitat* a uns montes de lava que soltam da própria entranha uma substância que nos penetra. A geografia, para nós, vale outro tanto como a história” (p. 22).

Desde que Nemésio lançou a semente, há 80 e tal anos, tem sido através de uma dinâmica epistemológica que o conceito de açorianidade tem evoluído, passando de uma reflexão pessoal de Nemésio, para assumir a dimensão coletiva atual, que merece ser analisada e aprofundada à luz dos estudos culturais da atualidade. No livro *The Return of the Actor: Social Theory in Postindustrial Society*, por exemplo, o conhecido sociólogo Alain Touraine, ao referir “um traço *natural* ou *histórico*”, parece espelhar a referência nemesiana à *geografia* e *história*, quando explica o processo de construção da identidade social da seguinte forma: “In the case of most societies, the appeal to identity relies upon a meta-social guarantor

of social order, such as the essence of humanity or, more simply, one's belonging to a community defined by certain values or by a natural or historical attribute" (1988: p. 75).

Cartriona Sandilands, por sua vez, sublinha o impacto que a modernidade tem sobre a construção da identidade, do nível individual ao coletivo, quando observa:

One could point to the ways in which modernity strips away individuals' ability to locate themselves in a solid place in a clearly defined social hierarchy, spawning a desire to recreate some sort of semi-permanent location in the world. One could also describe... the construction of group identity as an attempt to restore some sense of collective enterprise (1999: p. 30).

Focando a base discursiva que caracteriza a identidade coletiva, Sandilands sublinha a dinâmica da representação coletiva do que chama "floating signifiers" – termos de significação variável:

Social identities are thus, in their own terms, neither inevitable nor the result of some great overarching progression of historical meaning; they are, instead, highly contingent, dependent on the collective representation of a variety of floating signifiers through a particular discursive framework (1999: p. 44).

Ideia semelhante é traduzida por Stuart Hall (2004) para quem a identidade coletiva é fortemente determinada pela cultura, pelo grupo(s) social e pelas circunstâncias de cada sujeito, que se localiza num dado tempo e num dado espaço de uma determinada sociedade. Assim, a identidade coletiva tem um cunho histórico. Também para Henry Tajfel a identidade social é entendida como "aquela *parcela* do autoconceito dum indivíduo que deriva do seu conhecimento da sua pertença a um grupo (ou grupos) social, juntamente com o significado emocional e de valor associado àquela pertença" (1983: p. 290.)

Partindo da abordagem discursiva da construção da identidade social, acima referida, o estudo da açorianidade na obra de Domingos

Rebêlo, que se segue, tem como base a análise e reflexão de António Machado Pires no livro *Páginas sobre Açorianidade*. Inspirado no legado nemesiano, o presente estudo será organizado e desenvolvido à luz da reflexão, já citada, de Nemésio sobre “história” e “geografia”, dois “floating signifiers” conjugados pelo escritor e pelo seu estudioso, de forma natural e espontânea, como o exemplificam as seguintes citações das *Páginas sobre Açorianidade*. Em primeiro lugar cita-se uma observação de Nemésio que reitera a dupla condição da açorianidade, alicerçada no entrosamento da história com, neste caso, a geologia:

Meio milénio de existência sobre tufos vulcânicos, por baixo de nuvens que são asas e de bicharocos que são nuvens, é já uma carga respeitável de tempo ... Somos portanto gente nova. Mas a vida açoriana não data espiritualmente da colonização das ilhas: antes se projecta num passado telúrico que os geólogos reduzirão a tempo, se quiserem (p. 26).

Machado Pires, por sua vez, insiste na ideia da “dupla condição” da açorianidade nemesiana, atribuindo a Nemésio a “*condição do ser-se ilhéu...com uma carga histórica de meio milénio de lusitanidade quatrocentista desenvolvida ‘sobre tufos vulcânicos, enraizados pelo habitat a uns montes de lava, de carne e de pedra’, dupla condição da sua açorianidade definida e inventada em 1932, aos 31 anos*” (p. 14).

Nesta altura, e pensando nesta ideia de “dupla condição”, convém destacar que, desde a sua génese e ao longo da escrita de Machado Pires, o conceito de açorianidade tem sido alimentado, grandemente, por uma dinâmica discursiva assente em pares de “floating signifiers” que dependem da tensão entre opostos, parecendo apontar para uma representação coletiva em constante confronto com forças antagónicas que se definem mutuamente. Na investigação, esta ideia está também presente em algumas definições do conceito de identidade, como acontece com a psicóloga social Bader Sawaia (2001), para quem esse constructo se funda na tensão entre dois sentidos opostos: um de índole transformador e o outro de permanência. Alguns pares já foram referidos: “vontade de regresso e vontade de partir,” “ir e

voltar”, “carne e pedra”, “história e geografia”. Outros constam da análise que se segue: “ficar e sair”, “emigrar e voltar”, “partir e ficar”, “tradição e modernidade”, “ruralidade e urbanismo”, “geografia e clima” e “mar e terra”. Lembrando o uso do termo “dupla condição” por Machado Pires, acima referido, estes pares conjugam opostos e, sendo “floating signifiers”, são reconfigurados e reinterpretados ao longo do tempo, fazendo com que o conceito de açorianidade, enquanto identidade coletiva, dependa de uma plataforma discursiva de opostos e, simultaneamente, gire à volta de uma dinâmica de múltiplos eixos duplos. Prosseguindo, voltamos aos dois eixos base que conjugam as dimensões tempo e espaço – a história e a geografia.

## HISTÓRIA

O arquipélago açoriano, “viveiro de lusitanidade quatrocentista” (p. 18), nas palavras de Nemésio, é configurado, segundo Machado Pires, como um recanto de cultura portuguesa marcado pelo isolamento, a atividade sísmica e a preponderância para a emigração, o ir e voltar. Lembrando as palavras de Nemésio, dizendo que “ser ilhéu é ser embarcadiço” (p.28), Machado Pires faz o seguinte enquadramento:

Quinhentos anos – meio milénio! – de cultura portuguesa em experiência de vida insular... um processo de aquisição de identidade que, sem renegar as raízes, se consolida e cresce no isolamento, na expectativa agónica dos sismos e dos vulcões, na disponibilidade para emigrar e voltar, nem que seja por um dia (p. 17).

Tal história coletiva leva Machado Pires a voltar, repetidamente, ao fenómeno da emigração, como traço fundamental da alma açoriana, de um povo que, durante séculos, viveu isolado e esquecido no meio do Atlântico, chegando mesmo o estudioso a afirmar: “A Açorianidade é a alma que se transporta quando se emigra, como também aquilo que de cada um de nós se espera quando nós vivemos *fora*” (p. 31). Contudo, neste contexto

não figura apenas a emigração para fazer vida num novo país, mas sim, a necessidade de sair do arquipélago para satisfazer variados propósitos, como explica o próprio Machado Pires:

Na mundividência do ilhéu, a viagem tem alguma coisa de iniciático, de libertador, de aventura por necessidade e risco... Todos os que podiam embarcavam, de algum modo, por algum motivo ou por algum tempo. Uns para emigrar, outros para estudar, outros ainda para se tratar, para fazer férias de turismo cultural... (p. 28).

No contexto da emigração, do ir e voltar, partir e regressar, não é preciso andar muito para chegar a Domingos Rebêlo, o pintor por excelência da emigração, cujo quadro *Os Emigrantes*, de 1926, é sobejamente conhecido, tendo-se tornado a imagem mais emblemática da pintura açoriana. Todavia, esta obra, de meados da década de 1920, é apenas uma de pelo menos dez versões criadas pelo pintor, durante mais de 30 anos da sua carreira artística, como escreve Jorge Rebêlo, neto e estudioso da obra de Domingos Rebêlo, no artigo “O meu avô e as dez versões do quadro *Os Emigrantes*” (2014). Abaixo, as Figuras 6, 7 e 8 ilustram três das versões criadas entre 1926 e 1956.

Efetivamente, o pintor foi daqueles que, como observa Machado Pires, se viram obrigados a sair das ilhas, tendo ido para Paris estudar arte, quando tinha apenas 15 anos de idade. Marcado para sempre por este “desterro” em tenra idade, Rebêlo iria voltar sempre à temática da emigração, e à despedida dolorosa sentida tanto pelos que partem, como pelos que ficam. Imbuído pelo sentimento de saudade das nove ilhas que são os Açores, o pintor terá sido a primeira pessoa a usar o termo “décima ilha”, forma carinhosa e saudosa que adotou para referir o seu estúdio em Lisboa.



**Figure 6: Domingos Rebêlo, *Os Emigrantes***

**Óleo sobre tela, 235 x 295cm, 1926. Museu Carlos Machado, Arquivo Jorge Rebêlo**



**Figure 7: Domingos Rebêlo, *Os Emigrantes***

**Aguarela sobre papel, 28 x 64cm, década 1940. Coleção particular, Arquivo Jorge Rebêlo**



Figura 8: Domingos Rebêlo, *Os Emigrantes*

Xilogravura sobre cartão, 48 x 66cm. 1956. Coleção particular, Arquivo Jorge Rebêlo

Escrevendo também, como fez Catriona Sandilands na citação já referida, sobre o impacto da modernidade na construção da identidade social, Machado Pires menciona “as grandes comoções sociais” que têm afetado as sociedades, incluindo a açoriana, na atualidade: “as grandes guerras, as novas concepções do trabalho colectivo, o trabalho concorrencial da mulher, a escolaridade obrigatória, a força da comunicação social, o império fabuloso e inevitável da Tecnologia”. E continua, explicando: “Essas transformações inevitáveis levam à tentativa de conciliar tradição e modernidade, em ilhas onde urbanismo e ruralidade, o tradicional e o inovador se conjugam de forma muito peculiar, não isenta de conflitos de gerações” (p. 29).

Na obra de Domingos Rebêlo – nas técnicas e formas, nas temáticas e abordagens – também transparece o cuidado de retratar e conciliar tradição e modernidade, tendo o artista adotado técnicas naturalistas, num registo mais tradicional e realista (Figura 9). Todavia, ao desmaterializar a vegetação na Figura 10, por exemplo, o pintor mostra-se influenciado pelos métodos mais experimentais da sua época, com laivos nítidos do impressionismo e pós-impressionismo, entre outras correntes das artes plásticas da primeira metade do século XX, incluindo até traços carregados que lembram o expressionismo (Figura 8). Aliás, no seu todo, a obra de Rebêlo pode ser vista como o testamento de um artista a braços com as alterações sociais e culturais do seu tempo, através da qual o artista procura um equilíbrio que seja fiel à realidade açoriana e à forte presença e importância do tradicional na sociedade ilhoa.



**Figura 9: Domingos Rebêlo, *Um canto de jardim***

**Óleo sobre tela, 140 x 180cm, 1927. Museu do Chiado, Arquivo Jorge Rebêlo**



**Figura 10: Domingos Rebêlo, *Pátio de jardim***

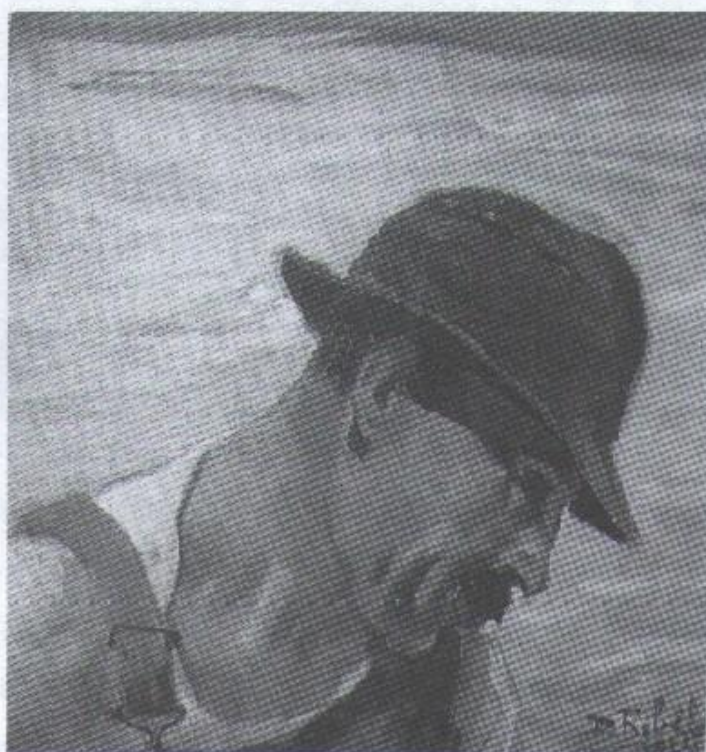
**Óleo sobre madeira, 17 x 25cm, 1938. Coleção particular, Arquivo Jorge Rebêlo**

Quanto às questões geracionais e sociais, Domingos Rebêlo esteve sempre atento ao significado e à importância de retratar as várias idades e gerações, e os vários estratos sociais, numa investida pessoal que almejava recriar, ao longo do tempo, as inúmeras facetas e feições do povo açoriano, como atestam as reproduções nas Figuras 11 a 15.



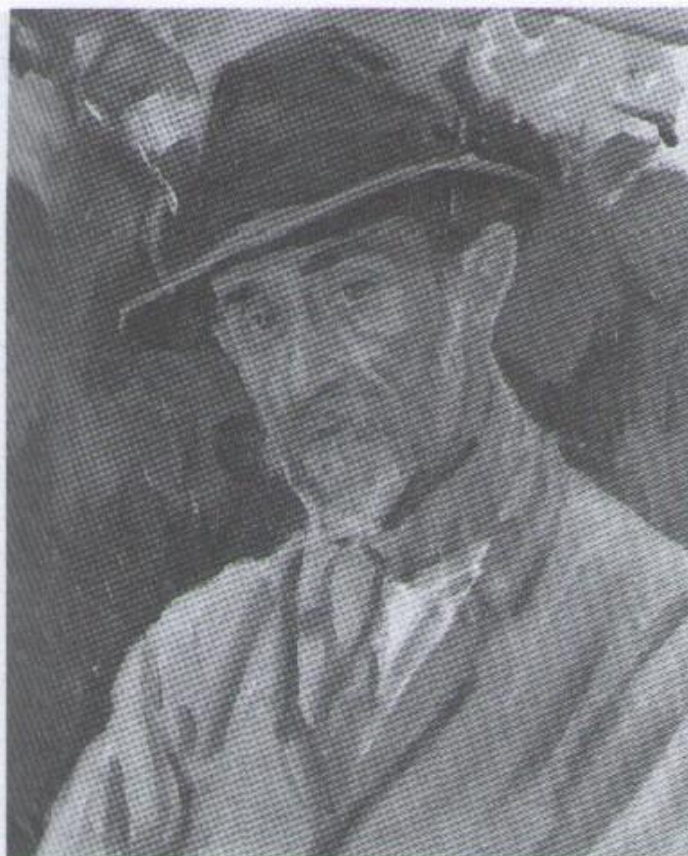
**Figura 11: Domingos Rebêlo, *Rapaz***

Óleo sobre madeira, 41 x 31cm, 1936. Coleção particular, Arquivo Jorge Rebêlo

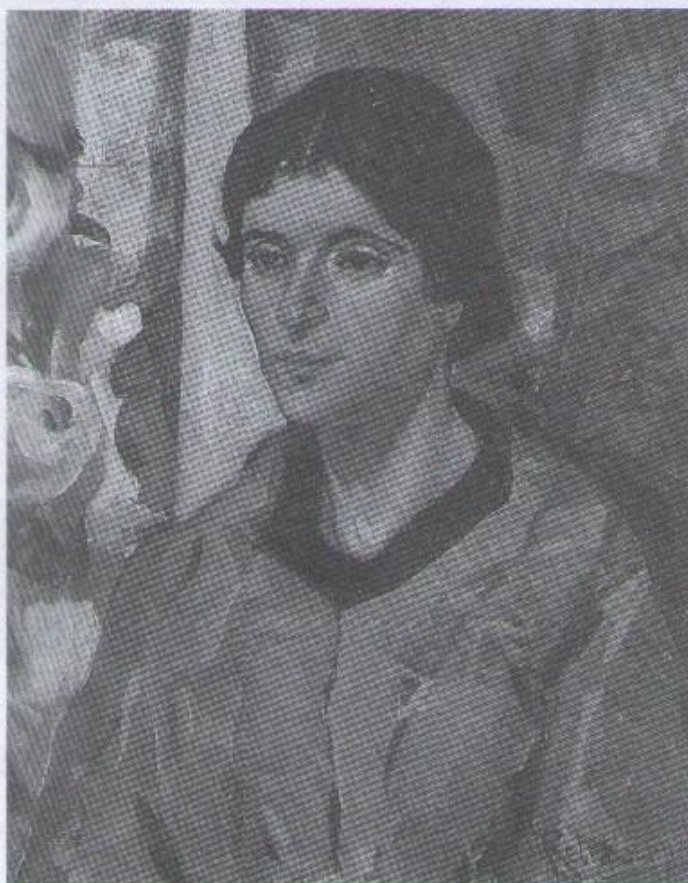


**Figura 12: Domingos Rebêlo, *Pescador dos Mosteiros***

Óleo sobre tela, 37 x 37cm, 1924. Coleção particular, Arquivo Jorge Rebêlo



**Figura 13: Domingos Rebêlo, *Retrato de João Maria Pereira***  
Óleo sobre tela, 54 x 44cm, cerca 1923. Coleção particular, Arquivo Jorge Rebêlo



**Figura 14: Domingos Rebêlo, *Retrato de Laura Botelho de Gusmão***  
Óleo sobre tela, 65 x 53cm, 1916. Museu Carlos Machado, Arquivo Jorge Rebêlo



**Figura 15: Domingos Rebêlo, *Retrato da família Albuquerque***  
Óleo sobre tela, 140 x 164cm, 1922. Coleção particular, Arquivo Jorge Rebêlo.

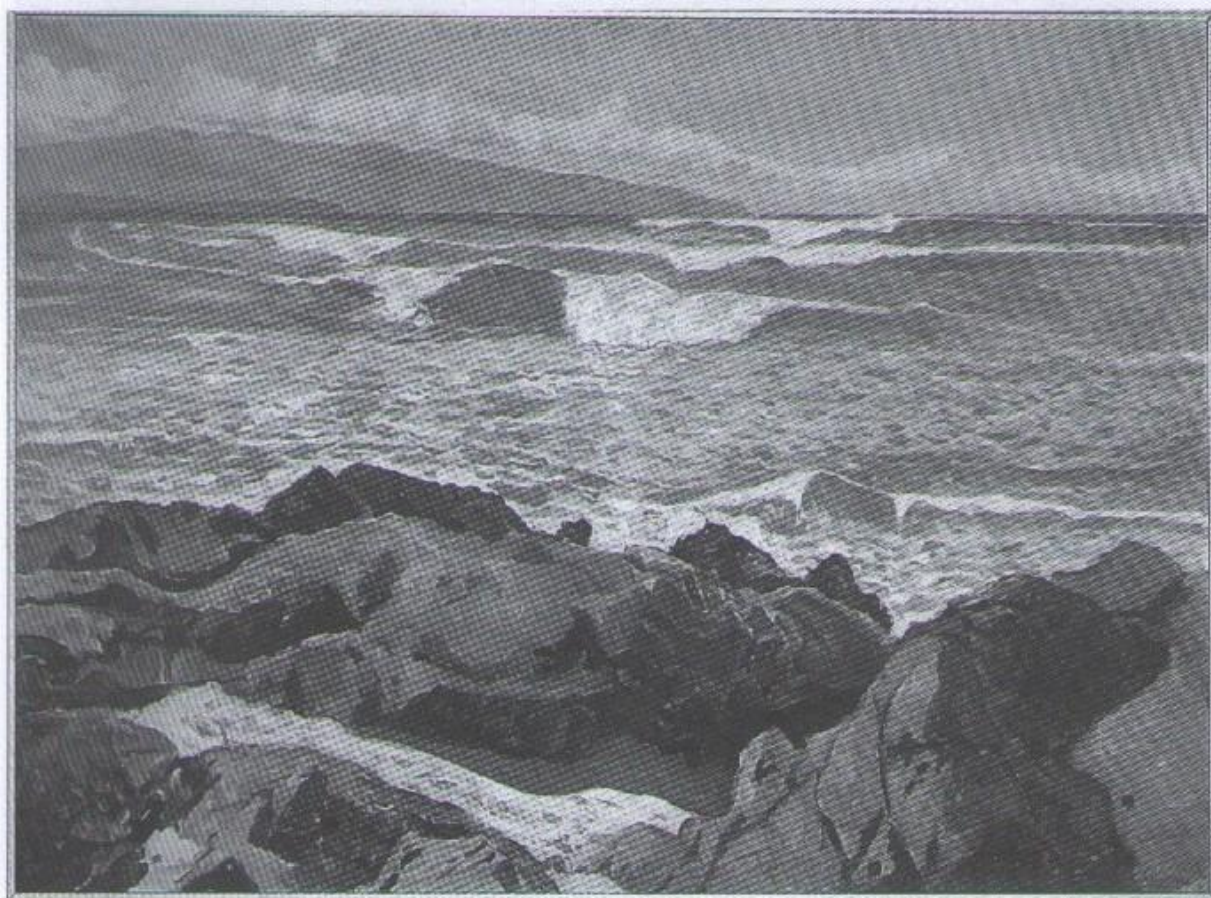
## GEOGRAFIA

No que diz respeito à geografia e ao clima, ao mar e à terra, a obra de Domingos Rebêlo constitui, na sua diversidade, um hino, constante e sentido, ao meio ambiente dos Açores, perfilhando naturalmente as descrições da açorianidade que Machado Pires delineia quando escreve, por exemplo, que o arquipélago é

um Portugal histórico começado em quatrocentos e meio milénio adaptado a nuvens baixas, ventos húmidos e salinos, isolamentos e provações do mar e do vulcanismo, humidades relativas do ar de 70 a 100%, atmosferas densas e pesadas, a que visitantes ingleses mal-

humorados deram o nome de azorean torpor (sic)... uma paisagem oceânica influenciadora dos hábitos e dos caracteres, uma porção de pequenos mundos dentro de um mundo uno e diverso, diverso nos costumes, nas falas e nos bairrismos, mas uno na sua historicidade coada pelas imposições da geografia, nas suas resignações perante o telurismo vulcânico, na vontade de ficar ou de sair” (p. 36).

Alguns destes aspetos foram recreados pelo pincel de Domingos Rebêlo, por exemplo, nas obras reproduzidas nas Figuras 16 a 26, as últimas das quais (Figuras 23 a 26) ilustram a perícia do pintor açoriano em enquadrar a figura humana, naturalmente, no meio ambiente das ilhas.



**Figura 16: Domingos Rebêlo, *Mar nos arredores de Ponta Delgada***  
Óleo sobre tela, 90 x 131cm, 1942. Escola Sec. Antero de Quental, Arquivo Jorge Rebêlo



**Figura 17: Domingos Rebêlo, *Paisagem de Fontinhas (Ilha Terceira)***  
Óleo sobre tela, 81 x 116cm, 1939. Palácio da Conceição, Arquivo Jorge Rebêlo



**Figura 18: Domingos Rebêlo, *Costa de Mosteiros***  
Óleo sobre tela, 45 x 56cm, 1924. Museu Carlos Machado, Arquivo Jorge Rebêlo



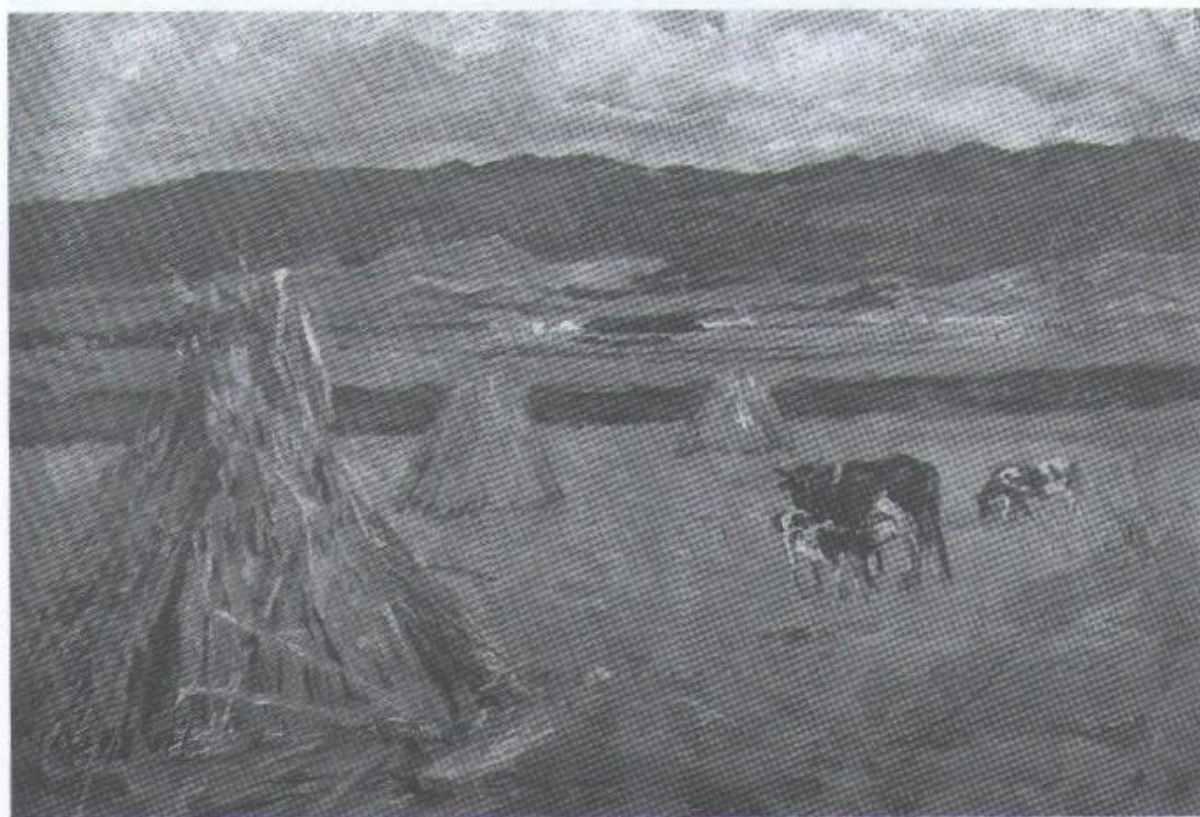
**Figura 19: Domingos Rebêlo, *Paisagem da Ilha Terceira*  
Óleo sobre tela, 60 x 46cm, 1924. Museu Carlos Machado, Arquivo Jorge Rebêlo**



**Figura 20: Domingos Rebêlo, *Lagoa das Sete Cidades, vista da margem*  
Óleo sobre tela, 80 x 115cm, 1947. Câmara Municipal de Ponta Delgada, Arquivo J Rebêlo**



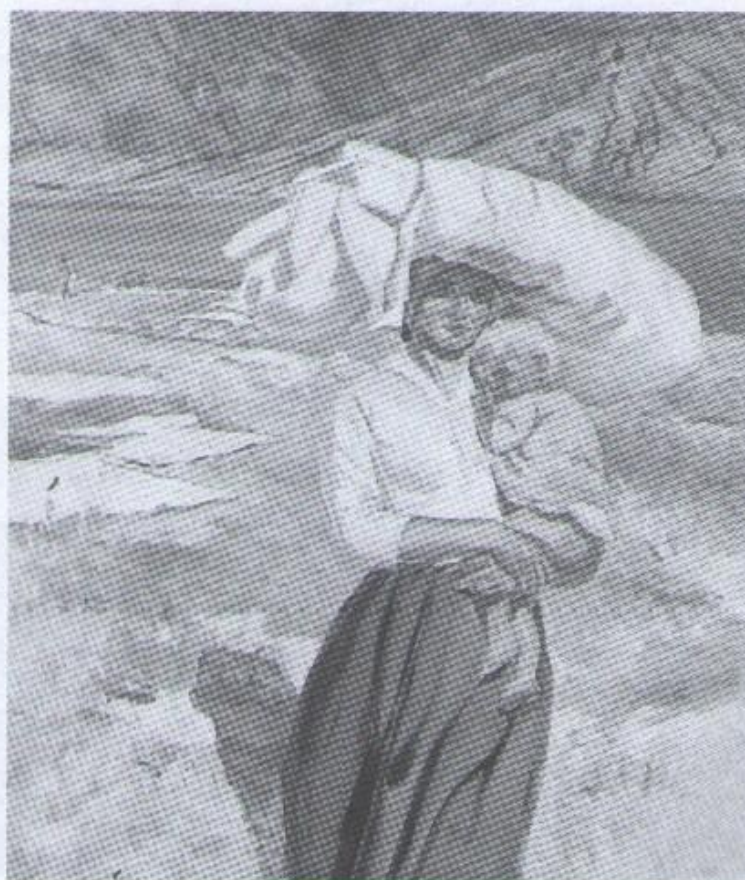
**Figura 21: Domingos Rebêlo, *Estrada com hortências***  
Óleo sobre tela, 103 x 131cm, 1934. Coleção particular, Arquivo Jorge Rebêlo



**Figura 22: Domingos Rebêlo, *Paisagem com fardos de palha***  
Óleo sobre tela, 49 x 58cm, cerca 1932. Coleção particular, Arquivo Jorge Rebêlo



**Figura 23: Domingos Rebêlo, *Roupa ao sol em Sete Cidades***  
Óleo sobre tela, 47 x 70cm, 1920. Coleção particular, Arquivo Jorge Rebêlo



**Figura 24: Domingos Rebêlo, *Lavadeira das Sete Cidades***  
Óleo sobre tela, 161 x 129cm, cerca 1934. Coleção particular, Arquivo Jorge Rebêlo



**Figura 25: Domingos Rebêlo, *Pescador micaelense***  
Óleo sobre tela, 116 x 89cm, 1925. Museu do Chiado, Arquivo Jorge Rebêlo



**Figura 26: Domingos Rebêlo, *Latada***  
Óleo sobre tela, 73 x 100cm, 1930. Coleção particular, Arquivo Jorge Rebêlo

## NOTA FINAL

Ao formular a sua reflexão sobre a açorianidade, António Machado Pires chega ao que poderia constituir uma síntese da mundividência que acompanhou Domingos Rebêlo, ao longo de toda a sua vida e obra, quando o estudioso afirma: “Talvez seja este um dos principais traços da personalidade-base do ilhéu (mormente do açoriano): a carga afectiva e a vinculação à terra-pátria natal, unidade de ilha ou de lugar *espécie de eixo do cosmos*, que passa ali para acender o bairrismo do residente, a saudade do emigrante e o investimento do torna-viagem. O açoriano, onde quer que ele esteja – Portugal continental, Estados Unidos, Canadá, mesmo no Brasil, no Hawaii ou na África do Sul – evoca imagens da sua ilha, as nuvens e as cores da sua montanha; reconstitui no seu espírito as festividades da sua terra natal e descreve-a, de facto, como o centro do universo” (p. 41).

Efetivamente, a obra de Domingos Rebêlo é, toda ela, impregnada pelos significados e valores que dão forma ao que se convencionou chamar açorianidade. Rebêlo é, como Vitorino Nemésio o disse, “o pintor dos Açores” e a sua obra continua a ser expressão viva da açorianidade: na forma como representa “a natureza insular, que é, a seu modo, também personagem” (nas palavras de Machado Pires referindo o romance *Mau Tempo no Canal*, p. 71); na forma como retrata as pessoas e suas vivências, hábitos e tradições; e, especialmente, na forma como testemunha a profunda e constante ligação do pintor à sua terra natal, “o centro do universo” que sempre o moveu e inspirou. Tal como António Machado Pires diz de Vitorino Nemésio, também para Domingos Rebêlo, “A ilha acabou por ser, afinal... *alma* que se carrega toda a vida”. O que equivale a dizer que, para o artista açoriano, a *ilha* foi magma do próprio ato criativo, matriz das cores e composições, das formas e figuras, das temáticas e das telas que ele nos legou na sua vasta e valiosa obra.

**OBRAS CITADAS**

- Hall, Stuart (2004). *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- Machado Pires, António (2013). *Páginas sobre Açorianidade*. Ponta Delgada: Letras Lavadas Edições.
- Nemésio, Vitorino (1924). "A Exposição Domingos Rebelo: Carta de Vitorino Nemésio". Do jornal *A União*, Angra do Heroísmo, republicado no jornal *Correio dos Açores*, Ponta Delgada.
- (1932). "Açorianidade" in *Ínsula*, nº 7: Julho-Agosto.
- Rebêlo, Jorge (2014). "O meu avô e as dez versões do quadro *Os Emigrantes*" in Simas, Rosa (coord.), *A vez e a voz dos Avós: gerações e migrações*. Lisboa: Colibri: pp. 27 - 42.
- Sandilands, Cartriona. (1999). *The Good-Natured Feminist: Ecofeminism and the Quest for Democracy*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Sawaia, Bader. (2001). *As artimanhas da exclusão. Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes.
- Tajfel, Henry. (1983). *Grupos humanos e categorias sociais: II*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Touraine, Alain. (1988). *The Return of the Actor: Social Theory in Postindustrial Society*. Minneapolis: University of Minnesota Press.



**Governo dos Açores**  
Presidência do Governo Regional dos Açores



ISBN 978-989-735-099-3



9 789897 350993